

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE ARTES E ARQUITETURA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

HELLEN SUTILLI

**O ÍNDICE DE PUBLICAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CENÁRIO
MUSICAL EM EVENTOS ACADÊMICOS BRASILEIROS**

CAXIAS DO SUL

2020

HELLEN SUTILLI

**O ÍNDICE DE PUBLICAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CENÁRIO
MUSICAL EM EVENTOS ACADÊMICOS BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Música pela Universidade de
Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Pereira Porto.

CAXIAS DO SUL

2020

HELLEN SUTILLI

**O ÍNDICE DE PUBLICAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CENÁRIO
MUSICAL EM EVENTOS ACADÊMICOS BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Música pela Universidade de
Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Pereira Porto.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Pereira Porto

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profa. Me. Cristiane Ferronato

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Dra. Clarissa Ferreira

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UniRio

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelas oportunidades, apoio, compreensão e carinho.

Minha família e amigos pelo apoio nessa trajetória.

Ao Rodrigo pela paciência diante da minha falta da mesma.

À Carol, pela ajuda imensa.

Aos meus professores e colegas, que fizeram parte dessa trajetória.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo verificar o atual estado das discussões sobre a participação das mulheres na música no Brasil, visando contribuir para a reflexão sobre o assunto. Para tanto, foi realizado um levantamento de eventos acadêmicos brasileiros realizados entre os anos de 2015 e 2019, com a intenção de identificar quais destes eventos tiveram publicações sobre o assunto. Após o levantamento e análise dos dados, foi realizado um comparativo anual, o que possibilitou uma análise sobre as prováveis causas para a diferença no índice de publicações e a realização de uma previsão do número de publicações futuras, baseando-se nos resultados dos anos pesquisados.

Palavras-chave: Feminismo; Estudos de Gênero; Gênero e Música

ABSTRACT

This paper aims to verify the current state of the discussions about women's participation in music in Brazil, aiming to contribute to reflections on the subject. To this end, a survey of Brazilian academic events was made, between the years 2015 and 2019, with the intention of identifying which of these events had publications on the subject. After collecting and analyzing the data, an annual comparison was made, which made it possible to analyze the probable causes for the difference in the index of publications and possible forecasts of future results, considering the results of the years surveyed.

Keywords: Feminism; Gender Studies; Gender and music.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Índice de publicações sobre mulheres em eventos acadêmicos (2015 a 2019).....	31
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical;

ANPPOM – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música;

COMUSICA – Congresso Nacional de Comunicação e Música;

UCLA – Universidade da Califórnia;

ABET – Associação Brasileira de Etnomusicologia;

ENABET – Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ESTUDOS DE GÊNERO	11
2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO	11
2.2 ESTUDOS DE GÊNERO EM MÚSICA	15
2.3 ESTUDOS DE GÊNERO EM MÚSICA NO BRASIL	17
3 METODOLOGIA	21
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	23
4.1 PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS NO ANO DE 2015	23
4.2 PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS NO ANO DE 2016	24
4.3 PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS NO ANO DE 2017	24
4.4 PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS NO ANO DE 2018	26
4.5 PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS NO ANO DE 2019	28
4.6 DADOS ANUAIS	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
7.1 EVENTOS	36
7.2 REFERÊNCIAS TEXTUAIS	36
8 FONTES CONSULTADAS	38

1 INTRODUÇÃO

Virei, por meio deste trabalho, apresentar uma coleta de dados sobre o índice de publicações sobre gênero, feminismo e mulheres na música em eventos acadêmicos musicais. Sendo assim, seu principal objetivo é verificar o atual estado das discussões sobre “mulheres na música no Brasil”, visando contribuir para a reflexão sobre o assunto.

Analisando as escassas publicações relacionadas aos estudos de gênero em música no Brasil, principalmente se compararmos com outros países, vejo a necessidade de identificar e analisar o cenário atual, visando contribuir para um possível aumento no número de publicações, assim como dar visibilidade às mulheres.

Tendo como preocupação o fato que, apesar de estar em ascensão, as publicações sobre estudos de gênero em música no Brasil ainda podem ser consideradas incipientes, este trabalho parte dos seguintes questionamentos: Qual o papel dos eventos acadêmicos na promoção de uma maior visibilidade das produções sobre mulheres intérpretes e compositoras? Qual o índice de discussões acadêmicas sobre mulheres na música no Brasil?

Para responder à essas questões, foi realizado um levantamento de eventos acadêmicos musicais compreendidos entre os anos de 2015 a 2019, visando reunir dados sobre o índice de publicações nos referidos eventos. Também foi realizada uma revisão de literatura sobre Feminismo, Estudos de Gênero e Estudos de Gênero em Música, com o objetivo de fundamentar a discussão do trabalho.

O primeiro capítulo está dividido em três partes. A primeira, traz um breve histórico sobre o feminismo e sobre o papel das mulheres na luta pela emancipação, igualdade e liberdade, além de uma breve discussão sobre Estudos de Gênero e sua importância na esfera social e acadêmica. A segunda parte apresenta uma breve contextualização dos Estudos de Gênero em Música, seguido pela terceira parte, que apresenta dados sobre os estudos de Gênero em Música no Brasil, objeto principal deste estudo. No segundo capítulo encontra-se a metodologia, na qual será explicado o recorte da pesquisa e os critérios para a coleta de dados, considerando eventos acadêmicos musicais e suas respectivas publicações. No terceiro capítulo será apresentada a análise e a discussão dos resultados, através da listagem dos elementos encontrados na coleta de dados e reflexões sobre os resultados obtidos. Por fim, elaboram-se as considerações finais.

2 ESTUDOS DE GÊNERO

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO

Quando pensamos no termo feminismo, muitas coisas nos vêm à cabeça: mulheres se impondo perante a sociedade, exigindo igualdade de gênero, lutando por direitos, mas não pensamos nos princípios que nos trouxeram até este momento. Se procurarmos no *Google*, a definição de feminismo está descrita como a “doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade.”.

O movimento feminista teve início no século XVIII e, com o passar do tempo, virou um movimento social, político e filosófico, que visa propor direitos iguais entre as mulheres, por meio do empoderamento feminino, buscando a extinção dos padrões patriarcais impostos pela sociedade. Estudos sobre o tema relatam que o surgimento do feminismo pode estar associado à Revolução Francesa (1789), pois nessa época foi escrita a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”. Sendo assim, dois anos depois, a revolucionária e feminista francesa Olímpia de Gouges compôs a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, proclamando que a mulher teria os mesmos direitos que os homens, podendo participar, direta ou indiretamente, da formulação das leis e da política em geral. (EDUCA MAIS BRASIL, ca. 2019)

Embora a declaração não tenha sido aceita na Convenção de Direitos do Homem e do Cidadão, atualmente, ela é considerada um símbolo bastante representativo para o feminismo democrático e racionalista. Posteriormente, no dia 3 de novembro de 1793, Olímpia foi executada na França, o que gerou revoltas pelo país, gerando vários movimentos feministas pelo mundo. (EDUCA MAIS BRASIL, ca. 2019)

Ainda no século XIX, em consequência da Revolução Industrial, o cenário começou a mudar, já que as mulheres foram obrigadas a trabalhar nas fábricas. No entanto, as condições de trabalho para ambos os sexos eram deploráveis, provocando várias rebeliões, nas quais o proletariado exigia melhores condições de trabalho. Desde então, o feminismo e a luta pela valorização da mulher começaram a ganhar espaço. No final do século XIX, surge o primeiro movimento feminista entre mulheres brancas e de classe média que lutavam por direitos jurídicos e políticos. Elas reivindicavam o direito de voto e uma vida fora do lar. (EDUCA MAIS BRASIL,

ca. 2019)

A francesa Simone Beauvoir foi uma importante representante do feminismo no século XX. Ela se tornou uma das maiores teóricas do feminismo moderno, assim como filósofa, professora e escritora. Ficou popularmente conhecida pela frase publicada no livro "O Segundo Sexo" (1949): "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher". (EDUCA MAIS BRASIL, ca. 2019)

No século XIX surgiram os primeiros focos de defesa dos ideais feministas em toda a América Latina. No Brasil, o surgimento do movimento estava relacionado à chegada dos ideais anarquistas e socialistas que haviam sido trazidos da Europa pelos imigrantes. Ao final da década de 70, as movimentações feministas no país aliaram-se aos movimentos de luta e resistência contra a Ditadura Militar no Brasil. Diante disso, ocorreu também uma aproximação com movimentos sociais dos negros e homossexuais. De tal modo, o feminismo se espalhou por várias cidades, ganhando espaço na televisão, propondo debates com questões sobre a sexualidade feminina, a violência contra a mulher, salários justos, entre outros. (EDUCA MAIS BRASIL, ca. 2019)

No Brasil, o feminismo surgiu na fase imperial durante a luta pelo direito à educação. A escritora Nísia Floresta Augusta é considerada precursora do feminismo brasileiro, pois fundou a primeira escola para meninas no Rio Grande do Norte e, posteriormente, no Rio de Janeiro. (EDUCA MAIS BRASIL, ca. 2019)

Ao passar dos anos, já no século XXI, os movimentos feministas trouxeram para o Brasil resultados positivos na luta a favor dos direitos das mulheres. Um resultado dessa luta foi a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/ 2006), sancionada durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que prevê a punição para homens que cometem violência contra a mulher. (EDUCA MAIS BRASIL, ca. 2019)

A partir desse breve histórico, podemos também pensar sobre a divulgação midiática do feminismo em vídeos na Internet, que por vezes não apresentam dados históricos que abordem o impacto que o feminismo teve para o mundo em que vivemos atualmente. Direitos, leis, liberdade, hoje são tão "básicos" como tantas outras coisas nas nossas vidas, porém muitas vezes esquecemos de como e de onde vieram tais direitos.

Estamos tão habituados às nossas vidas, que nos passam despercebidas as lutas que proporcionaram às mulheres o direito de ser, de agir, de exercerem profissões, de serem

independentes, e por vezes ignoramos o papel do feminismo na luta pelos direitos, protagonizado por mulheres fortes, à frente de seus tempos, sem medo de lutar pela igualdade entre gêneros.

Como disse Mariza Corrêa em seu artigo “Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal”,

O movimento feminista no Brasil contemporâneo, que teve sua maior expressão na década de 1970, esteve intimamente articulado com outros movimentos sociais da época: movimentos populares – que iam desde a luta por moradia, passando por melhores condições de vida (água encanada, luz, transporte), até a luta pela criação de creches nas fábricas e universidades (o que era uma lei antiga, mas não cumprida); movimentos políticos – aí incluídos os movimentos pela anistia aos presos políticos, pela luta contra o racismo, pelos direitos à terra dos grupos indígenas do país e o movimento dos homossexuais. (CORRÊA, 2016, p. 13)

Não imaginamos como a sociedade de hoje seria sem todas essas conquistas, não só por parte das mulheres, mas de todas as minorias. Prosseguindo com a discussão sobre minorias, pensando no cenário brasileiro, se faz necessário comentar sobre o feminismo negro. Djamila Ribeiro fala majestosamente sobre o assunto ao dizer que,

No Brasil, o feminismo negro começa a ganhar força nos anos 1980. Segundo Núbia Moreira, “a relação das mulheres negras com o movimento feminista se estabelece a partir do III Encontro Feminista Latino-americano ocorrido em Bertioga em 1985, de onde emerge a organização atual de mulheres negras com expressão coletiva com o intuito de adquirir visibilidade política no campo feminista. A partir daí, surgem os primeiros Coletivos de Mulheres Negras, época em que aconteceram alguns Encontros Estaduais e Nacionais de mulheres negras”. (RIBEIRO, 2017, p. 101)

Quando ultrapassamos as discussões sobre gênero e adentramos na discussão étnica e racial, enfrentamos uma questão delicada. Nesse momento, vemos protestos, movimentos e luta contra o racismo. Porém, não podemos negar ou ocultar que a situação é ainda muito complicada.

Pensamos nas dificuldades enfrentadas pelas mulheres na luta pelos direitos, pela liberdade, por uma vida digna, como também pensamos sobre as dificuldades historicamente sofridas pelas pessoas negras. O artigo de 2017 de Patricia Hills Collins, “O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso”, ressalta as diferenças de termos entre feminismo negro e mulherismo, e comenta que mulheres negras comumente preferem o termo mulherismo,

Muitas mulheres negras veem o feminismo como um movimento que, na melhor das hipóteses, é exclusivamente para as mulheres e, na pior das hipóteses, dedicado a atacar ou eliminar os homens. [...] O Mulherismo aparentemente fornece uma maneira para que as mulheres negras abordem a opressão de gênero, sem atacar os homens negros. (COLLINS, 2017, p. 08)

Seguindo com o pensamento da autora, faço uso de suas palavras para comentar o ponto de vista de mulheres negras sobre definir o “feminismo negro”. Para Collins:

O termo “feminismo negro” também faz com que muitas mulheres afro-americanas se sintam desconfortáveis porque desafia as mulheres negras a confrontar os seus próprios pontos de vista sobre o sexismo e a opressão das mulheres. Porque a maioria das mulheres afro-americanas encontra suas próprias experiências reembaçadas nos currículos escolares racistas e nos meios de comunicação, ainda que possam apoiar as ideias nas quais o feminismo descansa, um grande número de mulheres afro-americanas rejeita o termo “feminismo”, pois elas percebem sua associação com a brancura. Muitas veem o feminismo como operando exclusivamente dentro dos termos “branca e americana” e percebem o seu oposto como sendo “negra e americana”. (COLLINS, 2017, p. 14)

A luta feminina está longe de um fim. As mulheres enfrentam lutas diárias, discriminações por gênero, mesmo que sutis e disfarçadas com palavras delicadas, e aprendem a conviver com isso. Aprendemos que a “sociedade é assim”, e entramos em um efeito dominó de conformismo. Porém, quando pensamos em mulheres negras, a situação se complica ainda mais, pois todos os problemas são duplicados, adicionando toda questão do preconceito racial. Assim, concluo este capítulo com as palavras de Jessica Mara Raul, no artigo “Mulheres negras e a luta por igualdade: por um feminismo negro decolonial”,

A classificação social da população mundial embasada na ideia de raça, constituiu-se como o padrão de poder e, portanto, percebemos a importância de situar a interseccionalidade de raça, classe e gênero como formas de opressão colonial. A partir da perspectiva do feminismo, enquanto uma teoria que questione os padrões eurocêntricos, podemos observar como esses se estabelecem, também como fonte de questionamento da sociedade fundada nas bases do patriarcado de supremacia branca. (RAUL, 2016, p. 298)

E assim segue a sociedade até os dias atuais, com conceitos de supremacia, onde gêneros, raças, classes sociais são mais importantes que os próprios conceitos de sermos todos seres humanos, e enquanto alguns necessitam lutar mais por um mero direito, alguns têm a facilidade de ser, ter e conquistar. Para as mulheres tudo foi mais difícil, todas as lutas constantes, e principalmente para as mulheres negras, cujas lutas são dobradas, uma por direitos relacionados as gênero e outra por raça.

2.2 ESTUDOS DE GÊNERO EM MÚSICA

Definindo gênero, em pesquisa ao site Politize!, encontramos que: “Muitas vezes o termo gênero é erroneamente utilizado em referência ao sexo biológico. Por isso, é importante enfatizar que o gênero diz respeito aos aspectos sociais atribuídos ao sexo. Ou seja, gênero está vinculado a construções sociais, não a características naturais”. (Politize!, ac. 2019)

Segundo Tamiê Pages e Regiana Blank Wille no artigo “Educação Musical e Gênero: um estudo a partir do olhar de adolescentes sobre as mulheres”,

Gênero é um conceito complexo de se definir e será relevante nesta pesquisa. [...]. Muitos consideram que Simone de Beauvoir foi a primeira autora que trouxe a ideia inicial de conceito de gênero. (WILLE, PAGES, 2017, p. 05)

Realmente, gênero é um tema complexo de se discutir, e ainda mais complexo de se definir. Analisando o roteiro de estudos do mestrado de estudos de gênero Universidade da Califórnia (UCLA), no material de apresentação do curso vemos,

Gênero - feminino e masculino - é uma forma tão básica de organização social que sua operação geralmente passa despercebida. A pesquisa feminista demonstra que categorias tradicionais usadas para análise social e suas abordagens interpretativas que as acompanham frequentemente reforçam as hierarquias e desigualdades de gênero. (UCLA, 2020)

Apesar da complexidade do assunto, gênero deveria ser discutido com naturalidade. Certamente somos limitados às respostas de tais perguntas. Muitos, talvez, nem consigam criar opiniões sobre, ou caso tenham alguma, não consideram pertinente ou eloquente o suficiente.

No artigo de 2019 “What does gender have to do with music, anyway? Mapping the relation between music and gender”, de Ann Werner, a autora mapeia as relações existentes entre a música e o gênero. Para Werner,

A crítica feminista da música, letras, sons e performance, tem sido uma abordagem que molda a discussão feminista sobre música [...]. Mas os estudiosos também optaram por se dirigirem a organização da música e sons como parte de como a música é uma forma cultural de gênero, criando diferenças e desequilíbrios de poder na cultura e na sociedade. Lidar com ideias simplificadas de que um gênero de música pode ser "ruim" (mau gosto, ou ruim para você) e a naturalização de limites em torno de gêneros, estudos feministas de gêneros tendem a discutir como as dimensões de poder moldam as fronteiras da música, gênero e seu valor. (WERNER, 2019, p. 06, tradução nossa) ¹

¹ The feminist critique of music, lyrics, sounds and performance, has been an approach shaping the feminist discussion

Quando analisamos a música como um objeto de consumo, podemos dividir o público alvo em vários grupos como localização, descendência, idade, classe social e também o gênero. Com a produção e divulgação da música não é diferente, sendo que o produto comumente visa um público alvo. Pensando novamente nas palavras de Werner,

A teoria interseccional de gênero também pode ser usada como inspiração para questões e tópicos a serem explorados, as práticas de cantores pop como músicos em seu próprio direito, as atividades de fãs de Rihanna e outros artistas mainstream racializados, fãs masculinos da música popular mainstream e assim por diante. A teoria interseccional de gênero falaria sobre como as questões de pesquisa são formuladas, como a tecnologia e o gênero podem ser considerados como intra-atuantes nas formações de gênero, raça, sexualidade e classe etc. na cultura da música. (WERNER, 2019, p. 10, tradução nossa)²

Como ouvintes, consumidores de música, não costumamos refletir sobre como os gostos musicais são criados. Ao refletirmos sobre isso, geralmente associamos à relação com a memória, convivências, amigos, familiares e cultura regional. Mas seriam esses os únicos fatores que nos levam à formação do gosto? Não deveríamos também considerar aspectos como raça e gênero na formação do gosto? No universo musical Pop é habitual a construção de estereótipos tais como “cantores Pop *mainstream* são coisa de mulher”.

Seria isso uma relação de poder? O que ouvimos dita quem somos, como agimos, e nossos papéis sociais? Maria Ignez Cruz Mello fala sobre o assunto no artigo “Relações de gênero e musicologia: reflexões para uma análise do contexto brasileiro”,

Sabe-se que o sistema das relações de gênero está ligado às atribuições sociais de papéis, poder e prestígio, sendo sustentado por ampla rede de metáforas e práticas culturais associadas ao masculino ou ao feminino. Desde Platão, vê-se uma preocupação no Ocidente com o poder exercido pela música e, em torno desta ansiedade, muito se tem elaborado em termos de metáforas de gênero, diferença sexual, atração e repulsa sexual. (MELLO, 2007, p. 02)

on music [...]. But scholars have also chosen to address the organization of music and sound as part of how music is a gendered cultural form, creating differences and power imbalances in culture and society. Taking issue with simplified ideas that one genre of music might be ‘bad’ (bad taste, or bad for you), and the naturalization of boundaries around genres, feminist studies of genres tend to discuss how intersecting power dimensions shape the boundaries of musical genres and their value.

2 Intersectional gender theory can also be used as inspiration for questions and topics to explore further, the practices of pop singers as musicians in their own right, the activities of fans of Rihanna and other racialized mainstream artists, male fans of mainstream popular music and so on. Intersectional gender theory would here speak to how research questions are formulated, how technology and genre can be taken into account as intra-acting in the formations of gender, race, sexuality and class etcetera in music culture.

A autora comenta que a musicologia analisa as relações de música e indivíduo, de performance e composição, e observa que muitas vezes a imagem do emocional, que tradicionalmente é associado ao feminino, se esconde atrás do racional, do teórico, geralmente associado ao masculino.

Em seu trabalho, vemos que essa situação ocorre desde os tempos antigos, como já citado anteriormente, desde Platão. Vemos também a questão do masculino, do estereótipo tradicional que dita as regras de como se deve dar o processo musical. Segundo a autora,

Voltando à questão da autonomia da musicologia em relação aos “encaixes” sociais, vê-se que esta postura é amplamente aceita por teóricos da música de um modo geral, e que todas as narrativas e posturas por eles assumidas estão de acordo com o proclamado ideal do “homem-branco classe-média norte-americano ou europeu”, ou seja, que através da objetividade e da exclusão da sensualidade, pode-se alcançar a “forma pura” e o prazer que o entendimento desta provoca na mente. (MELLO, 2007, p. 04)

O patriarcado, para a musicologia, ditou as questões de superioridade masculina. Mas realmente temos essa “forma pura”? Ou apenas a recriamos como uma representação ilusória, uma forma para exemplificarmos e explicarmos preferências? Podemos analisar, com o avanço e tecnologia, que a música passou por um processo de desmistificação. Obviamente a relação de gênero com a escuta e preferência musical ficou mais ampla e aberta, com aplicativos de *streaming* e o acesso à internet.

Atualmente, a liberdade de escuta e formação do gosto é muito mais evidente do que em uma sociedade que via a figura masculina como o foco da composição e da performance musical. O mundo passa por mudanças constantes e, felizmente, algumas conquistas foram alcançadas com relação ao gênero e a música. Entretanto, não podemos desconsiderar que alguns desses padrões conservadores ainda são reproduzidos.

2.3 ESTUDOS DE GÊNERO EM MÚSICA NO BRASIL

No Brasil, quando pensamos em pioneirismo feminino na música, pensamos em Chiquinha Gonzaga. Pensamos na luta por espaço e igualdade, pelo direito a compor e expor seu trabalho, assim como os homens vinham já historicamente fazendo. Também podemos considerar como uma conquista o fato que as mulheres construíram seu espaço e visibilidade. Porém, como era de se esperar, junto à essa conquista, veio também a aversão às diferenças.

Seguindo com o pensamento de gênero, Maria Ignez Cruz Mello e Rodrigo Cantos Savelli Gomes comentam sobre a participação das mulheres na música popular no artigo “Relações de Gênero e a Música Popular Brasileira: um estudo sobre as bandas femininas”. Fazendo uso de suas palavras,

Pesquisas de gênero no campo musical ainda são recentes e escassas. No Brasil, as grandes temáticas que permeiam as discussões em torno da categoria de gênero têm pouca repercussão nos estudos sobre música, sendo abordado, na maior parte das vezes, as questões que dizem respeito ao trabalho, violência e sexualidade. Em uma sondagem preliminar, percebe-se que os estudos que envolvem a questão de gênero na música brasileira apontam predominantemente para a análise do discurso embutido nas letras das canções, onde se coloca em evidência a representação feminina, os estereótipos e a imagem da mulher narrada pelos cancioneiros em seus versos. (MELLO; GOMES, 2007, p. 02)

Realmente, quando pensamos em estudos de gênero em música, mais especificamente no Brasil, temos uma escassez de materiais, de artigos, de pesquisas sobre o assunto. Internacionalmente, se pesquisarmos por exemplo, em inglês, temos muito mais materiais disponíveis. Pensando nos motivos para essa diferença, podemos considerar que a produção acadêmica sobre gêneros em música no Brasil, é ainda bastante recente.

Felizmente, temos um trabalho que podemos tomar como modelo. Isabel Porto Nogueira, Camila Durães Zerbinatti e Joana Maria Pedro tomaram a frente para falar exatamente sobre a emergência das discussões sobre esse assunto no artigo “A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais”. Já nas reflexões iniciais sobre o assunto, dizem,

Esta pesquisa propõe a interpretação do campo “música e gênero” no Brasil como um campo em emergência, heterogêneo, híbrido, múltiplo, construído coletivamente, como em uma “onda” de publicações e práticas, que vem emergindo e sendo gradativa e socialmente construído no macro campo do conhecimento da música. Para tanto, a nossa proposta é observar a emergência do campo através do mapeamento de livros e de pesquisas de pós-graduação que focalizam “mulheres, feminismos, gênero e música” no país, em um esforço para reconhecer também a produção de conhecimentos já realizada neste campo no Brasil como uma produção heterogênea e interrelacionada. (NOGUEIRA, ZERBINATTI, PEDRO, 2018, p. 02)

Assim como o presente trabalho, as autoras visam, nesse artigo, coletar dados sobre a participação das mulheres no campo da música no Brasil. Analisando especificamente livros e pesquisas de pós-graduação em música e gênero no Brasil, da década de 70 até o ano de envio do artigo, em 2017, as autoras identificaram um grande aumento nas publicações voltadas à música,

gênero e feminismo. Alegria pensar que, conseqüentemente, a tendência é que se tenha cada vez mais trabalhos sobre o assunto publicados e abertamente discutidos na sociedade.

Para Mello e Gomes (2007), quando pensamos no estudo de gênero em relação às letras de canções no Brasil, temos uma vasta quantidade de músicas que falam de mulheres, que abordam desde falas “lindas e delicadas” sobre a beleza da mulher, até as mais variadas conotações vistas no funk carioca. O texto de Bianca de Azevedo Lima e Luciana Patrícia Zucco, no artigo “Representações de gênero em letras de música juvenil - estudo do caso ‘Paquitas New Generation’”, faz uma análise das diferenças de gênero em música, mesmo que visando o público adolescente, visto que o foco são canções do grupo “As Paquitas”.

Como dados da pesquisa, vemos que, por mais que as músicas em questão tenham mais de vinte anos, as definições e diferenciações de gênero continuam exatamente as mesmas. Vemos essa situação no seguinte trecho:

A categorização aqui denominada de sentido convencional de gênero reafirma as ideias estabelecidas e aceitas do feminino e do masculino como padrão pela sociedade. Ela abarca a visão do feminino como naturalmente passivo, e portador de romantismo, de sensibilidade e de sedução, tendo como eixo central de vida das mulheres o casamento e a maternidade. [...] Em compensação, o sentido convencional do masculino se faz em oposição ao feminino, ressaltando qualidades de proteção, coragem, conquista, logo, representando a posição de ativo nos relacionamentos amorosos e sexuais. (LIMA, ZUCCO, 2010, p. 107)

A partir da citação acima, podemos ver que as canções analisadas pelos autores repetem o estereótipo da visão da mulher como a parte emocional, maternal, que deseja uma família, e do homem como o provedor, protetor, cuidador. A luta feminista por equidade busca exatamente a anulação dos padrões impostos pela sociedade. Temos atualmente a figura da mulher como a provedora, a cuidadora, muito além da imagem de mãe e dona de casa.

Seguindo nos estudos de gênero na música brasileira, voltando às ideias de Mello e Gomes (2007), temos um estudo sobre bandas femininas. Todas as bandas analisadas pelos autores têm como ideologia reforçar as ideias do Feminismo e distinção de gênero. Para eles,

[...] algumas bandas com ideologias e/ou atitudes feministas se destacaram por expressar em suas letras o desejo pela igualdade entre os sexos, a quebra do preconceito racial e sexual ou, simplesmente, por se autodeclararem feministas em seus depoimentos e entrevistas. Curiosamente, todas as bandas encontradas classificam-se dentro do gênero rock, o que evidencia a preferência das mulheres ativistas por este gênero musical. Entre as investigadas ressaltaram-se as bandas Bulimia (Brasília/DF), Close (Olinda/PE),

NoDolls (Goiânia/GO), Cosmogonia (São Paulo/SP), Dominatrix (São Paulo/SP), S.A.44 (São Paulo/SP), The Hats (São Paulo/SP), Female (Belo Horizonte/MG), Afasia (Uberlândia/MG), Insana Z (Ponta Grossa/PR). (MELLO, GOMES, 2007, p. 04)

Levantando agora o questionamento sobre essas bandas, essas mulheres que participam ativamente no cenário musical, temos também o problema da mídia. Por quê, até então, não se tem conhecimento desses grupos femininos, a menos que se procure especificamente sobre eles? O que tornam os músicos realmente conhecidos, se não a mídia? O cenário musical é complicado, assim como as oportunidades por diferenças de gênero. Visando também o lado do cenário acadêmico musical, certamente veremos nos próximos capítulos os dados sobre o baixo índice de publicações relacionadas à presença da mulher na música.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza quantitativa. Para tanto, foi realizado um levantamento de eventos acadêmicos que tivessem apresentado trabalhos, comunicações, artigos, mesas, grupos de trabalho, dentre outros, abordando o assunto “mulheres na música”. O referido levantamento foi realizado através de pesquisa Google, tendo como recorte eventos e publicações ocorridos entre os anos de 2015 e 2019. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: feminismo, congressos de música, mulheres na música, feminismo no Brasil, mulheres na música brasileira, estudos de gênero, estudos de gênero em música.

Procura-se, nesta pesquisa, estabelecer uma relação causa/efeito sobre o índice de publicações encontradas. Analisando os dados coletados, foi possível identificar prováveis causas para a diferença entre o índice de publicações e eventos nos anos pesquisados. Tendo em mãos os índices, pode-se também analisar qual o efeito que os acontecimentos históricos proporcionaram ao momento atual do cenário acadêmico musical no Brasil.

Após a análise das prováveis causas, dos dados, das comparações anuais, e dos efeitos, pode-se chegar a algumas considerações e a uma previsão de como serão os anos posteriores quanto às publicações sobre mulheres na música em eventos no Brasil.

Como complemento, a revisão bibliográfica buscou trazer um breve histórico sobre o feminismo, sobre quais as mulheres que iniciaram o processo de luta pelos seus direitos, por liberdade e melhores condições de vida. Da mesma forma, as reflexões sobre estudos de gêneros e o feminismo negro demonstram a importância do movimento no cenário brasileiro. Por fim, as discussões sobre as pesquisas de gênero em música se relacionam diretamente com o objeto deste estudo.

Iniciando a coleta de dados, foram analisados todos eventos acadêmicos musicais que acontecerem nos anos do recorte da pesquisa. Inicialmente, foram pesquisados os eventos mais conhecidos, tais como os Congressos Nacionais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), e os Congressos Nacionais e Regionais da Resultados da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM). Posteriormente, procedeu-se com a busca por demais eventos acadêmicos na área de música. Todas as publicações encontradas serão listadas, sendo que ao final, será realizada uma breve análise sobre os números encontrados, podendo assim,

tirar conclusões sobre os porquês dos dados obtidos, e também tendo uma prévia dos anos que virão.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS NO ANO DE 2015

No ano de 2015 temos uma sequência de eventos e congressos sem publicações relacionadas à gênero, feminismo ou mulheres na música.

O primeiro congresso pesquisado foi o “1º nas Nuvens... Congresso de Música”, onde não foram encontradas publicações sobre o assunto.

O segundo evento pesquisado foi o “XXII Congresso Nacional da ABEM”, cujo tema foi "Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento". Também não foram encontradas publicações relacionadas ao assunto procurado.

Nesse ano também aconteceu o “3º Congresso Brasileiro de Iconografia Musical”, com temática geral "Iconografia, música e cultura: relações e trânsitos". Também não foram encontradas publicações relacionadas ao assunto procurado.

Já no quarto evento encontrado no ano de 2015, o “XXV Congresso da ANNPOM”, com tema “Formação de pesquisadores, docentes e artistas na área de música: tendências, desafios e perspectivas”, foram encontradas quatro publicações sobre o assunto, listadas abaixo:

1. Mulher, música e educação indígenas: aspectos da prática e transmissão musical feminina Tupinambá no Brasil colonial – Rafael Severiano;
2. Atuação feminina no cenário musical do Rio de Janeiro (1890 – 1910) – Aline Santos da Paz Souza;
3. A musicologia feminista de Susan McClary e a crítica de Suzanne Cusick – Tânia Mello Neiva;
4. A Bota do Diabo de Chiquinha Gonzaga: tecendo os fios entre texto e música – Flávio Cardoso Carvalho.

No ano de 2015 também, tivemos o VII ENABET, o qual foram encontradas as seguintes publicações:

1. Feminaria Musical: o que (não) se produz sobre mulheres e música no Brasil – Laila Rosa, Laura Cardoso e Rebeca Sobral;
2. Cantos do Ritual da Moça Nova Ticuna – May Anyely Moura da Costa.

4.2 PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS NO ANO DE 2016

No ano de 2016, infelizmente, um menor número de publicações foram encontradas.

Novamente, iniciou-se a coleta de dados pelo congresso “2º Nas Nuvens... Congresso de Música”, no qual novamente não foram encontradas publicações sobre o assunto.

Naquele ano, a ABEM teve apenas eventos regionais, sendo eles Sul, Sudeste, Centro-oeste, Norte e Nordeste. Após pesquisa de dados em todos, não foram encontradas publicações sobre o assunto.

Assim como no ano anterior, o “XXVI Congresso da ANPPOM”, cujo tema foi “Criação musical, criação artística e a pesquisa acadêmica”, foi o único em que se encontrou publicações sobre o assunto, sendo elas:

1. “Fazer das pedras que atiram em mim o meu castelo” – Uma atitude musical de Fernanda Aoki Navarro ao machismo dominante – Tânia Mello Neiva;
2. Mulheres escrevem sobre música: mapeamento de uma produção escrita no Brasil (1907 – 1958) – Susana Cecilia Igayara-Souza;
3. Musicologia e seus caminhos: um olhar sobre as pesquisas sobre mulheres musicistas no Século XIX – Aline da Paz Souza.

4.3 PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS NO ANO DE 2017

Ao iniciar as pesquisas do ano de 2017, os dados foram animadores. Um grande aumento de publicações foi encontrado.

Novamente, a coleta de dados começou pelo evento “3º Nas Nuvens... Congresso de Música”, no qual já foi encontrada uma publicação, sendo ela:

1. Mulheres musicistas na crítica de Oscar Guanabara: a interpretação sob os estereótipos de gênero – Amanda Oliveira

Seguindo as pesquisas, no “XXIII Congresso Nacional da ABEM”, cuja temática foi “Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical”, nenhuma publicação relacionada ao assunto foi encontrada.

Outro evento aconteceu no ano de 2017, tendo várias publicações sobre o assunto, o “5º COMUSICA Congresso Nacional de Comunicação e música. Foram elas:

1. “You know you that bitch when you cause all this conversation”: Críticas e o poder da mulher negra em Formation – Beatriz Medeiros, Helia Oliveira e Juliano Coelho;
2. “Chora no colo da patroa”: o feminejo nos sites de redes sociais – Francielle Esmitiz e Letícia Franciele Rossa;
3. Performances femininas no rap brasileiro: propostas para análise a partir do tensionamento do gênero – Janaína Oldani Casanova;
4. Respeita as Mina: Ativismo Coletivo Feminista na Cena Rock Underground Curitibana – Janaína Santos, Lucina Reitenbach Viana e Taciana Reway;
5. Diva da sarjeta: contaminações bastardas, corporeidades diaspóricas e combates envidescidos em Linn da Quebrada – Rose de Melo Rocha e Aline da Silva Borges Rezende;
6. Pre-pa-ra que agora é hora: Estratégias de visibilidade em três performances pop de Anitta – Raphael Ribeiro;
7. Feminismo e ficção: narrativas do feminino em Beyoncé – Suzana Mateus;
8. Música e gênero em performance: apontamentos para uma abordagem conjuntural em Videoclipes – João André da Silva Alcantara;
9. Bikini Kills ou outra forma de apelidar as Garotas Rebeldes: o quadro de afirmação simbólica dos rrriot girls fanzines nas cenas punk portuguesa e brasileira – Tânia Moreira, Gabriela Gelain e Paula Guerra;
10. Mulheres do flow: feminismo nas batalhas de rap do Rio de Janeiro – Tayanne Fernandes Cura.

Após encontrar dados neste congresso em particular, a sensação de otimismo sobre os anos seguintes foi muito maior, ainda mais se levarmos em consideração as temáticas das publicações.

Também tivemos o VIII ENABET, com temática “Música, Dança, Cidadania e Participação”, onde foram encontradas as seguintes publicações:

1. Performances e Identidades: grupos percussivos de mulheres em João Pessoa/PB – Elizangela dos Santos Garcia;
2. Mulheres brincantes do coco em cena: Uma análise inicial sobre um grupo de

pesquisa em gênero e música – Harue Tanaka, Lígia Luís de Freitas e Rosenilha Fajardo Rocha;

3. A questão da mulher e da ancestralidade negra no sarau divergente: reflexões a partir de uma pesquisa-ação participativa – Jhenifer Raul, Lucas Assis, Matheus Ferreira e Pedro Mendonça;
4. Processos criativos e ativismos feministas anti-racistas e decoloniais de Asè – Laila Rosa e Iuri Passos.

Seguindo no ano de 2017, no “XXVII Congresso da ANPPOM” com tema “Atualidade e impactos sociais da pesquisa, das práticas e da docência em música”, foram encontradas as seguintes publicações sobre o assunto:

1. Música na terceira idade feminina: o impacto do canto coral na saúde e nos aspectos psicossociais do envelhecimento – Bruna Rodrigues Prior, Silvia Maria Pires Cabrera Berg;
2. A presença feminina no Orpheão Rio-Grandense (1930 – 1952) – Kênia Simone Werner;
3. As canções para canto e piano de Carmen Vasconcellos (1918 – 2001) – Mauro Camilo de Chantal Santos, Luciana Monteiro de Castro.

4.4 PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS NO ANO DE 2018

Assim como 2017, o ano de 2018 também apresentou um grande índice de publicações, principalmente em comparação aos dois primeiros anos analisados.

Diferente do ano anterior, o evento “4º Nas Nuvens... Congresso de Música” não apresentou publicações sobre o assunto pesquisado.

Em 2018, a ABEM teve novamente apenas encontros regionais, sendo que, agora, no evento Regional Sul, foi encontrada a seguinte publicação:

1. Corpo e Gênero na Educação Musical – Cristina Rolim Wolffenbüttel, Bruno Felix da Costa Almeida, Daniele Isabel Ertel, Diego Luís Faleiro Herencio.

Nos eventos regionais Sudeste, Centro-oeste, Norte e Nordeste, não foram encontradas

publicações.

O “XXVIII Congresso da ANPPOM”, com tema “30 anos de ANPPOM - Um olhar para o futuro”, foi o evento mais significativo do ano, tendo um simpósio específico sobre o assunto, tendo como tema “A Produção Musical e Sonora de Mulheres”. Consequentemente, muitas publicações foram encontradas, sendo elas:

1. Documento final – Simpósio "A produção musical e sonora de mulheres: reflexões sobre processos e práticas a partir de uma perspectiva decolonial" – Isabel Porto Nogueira, Laila Andresa Cavalcante Rosa, Harue Tanaka;
2. A presença das mulheres em *Ariane et Bacchus* de Marin Marais (1696) – Elisama Fernanda Koppe, Silvana Ruffier Scarinci;
3. A produção musical das compositoras latino-americanas entre os séculos XIX e XXI na música erudita – Eliana Monteiro da Silva;
4. Acervo de Canção de Câmara de Hermelindo Castello Branco: questões sobre a inserção de compositoras no repertório cancional canônico no Brasil – Janette Dornellas, Gisele Pires Mota;
5. *Applying Feminist Methodologies in the Sonic Arts: The Soundwalking as a Process* – Linda O Keeffe, Isabel Porto Nogueira;
6. As óperas de Jocy de Oliveira: composição e estética do feminino – Alexandre Guilherme Montes Silva;
7. Assédio moral no ensino de música: uma investigação inicial com foco em ocorrências na educação musical – Karla Maria Martins Santos, Marcela Conti Gerizani;
8. Cantoras enquanto protagonistas dos festivais da canção popular no Brasil: performances e performatividades de gênero de Elis Regina e Nara Leão – Caroline Soares de Abreu;
9. Cátia de França: o Coito das Araras através da música e da literatura – Alice Emanuele da Silva Alves;
10. Compositoras brasileiras de canção de câmara no acervo de Hermelindo Castello Branco: considerações sobre contexto sociocultural e a sua importância para manutenção e divulgação da produção cancional feminina – Gisele Pires Mota;

11. Diálogos colaborativos entre sons e empoderamento: Ciclo Sônicas, Festival Sonora Ciclo Internacional de Compositoras edição Porto Alegre e Girls Rock Camp Porto Alegre – Isabel Porto Nogueira, Isadora Nocchi Martins;
12. Dos processos criativos à performance: reflexão sobre as relações de gênero na produção e circulação da música popular brasileira – Bruna Queiroz Prado;
13. Geny Marcondes, artista interdisciplinar: reflexões sobre relações de gênero – Iracele Vera Livero de Souza;
14. O discurso de violência contra mulheres na canção das mídias – Luisa Nemesio Toller Motta, Heloísa de Araújo Duarte Valente;
15. O protagonismo da mulher vilaboense e sua atuação no cenário musical: registros em periódicos e cruzamento de representações – Noemi Ferreira dos Santos, Magda de Miranda Clímaco;
16. Reflexões sobre a ausência do repertório de compositoras brasileiras em dois cursos de bacharelado em violoncelo no Brasil – Camila Durães Zerbinatti;
17. Reflexões sobre o universo da performance musical feminina: o caso das sanfoneiras acadêmicas – Harue Tanaka;
18. Representatividade feminina na música experimental – Tânia Mello Neiva.

4.5 PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS NO ANO DE 2019

No último ano de análise de dados, novamente os números se mostraram promissores, principalmente se comparados ao primeiro e segundo anos analisados.

No “5º Nas Nuvens... Congresso de música”, uma publicação foi encontrada, sendo ela:

1. As mulheres no contexto musical da cidade do Rio Grande (RS) de 1900 a 1930 – Marcele Meneses, Marcos Holler.

Também no evento “XXIV Congresso Nacional da ABEM”, também foram encontradas as seguintes publicações:

1. Cecilia Conde: uma educadora musical sem barreiras – Nicole Mello Penteadó;

2. Trajetória de formação de duas mulheres professoras universitárias de violoncelo: compartilhando narrativas de uma pesquisa em andamento – Yanaêh Vasconcelos Mota.

Ainda em 2019, tivemos o IX ENABET, com temática “Musicar Local: Aprendizagem e Prática”, onde foram encontradas as seguintes publicações:

1. Música, canto e lágrimas: um estudo entre musicistas negras vítimas de violência doméstica vivendo em uma ocupação em Porto Alegre – Gabriela Nascimento;
2. Mestra Iracema Oliveira: protagonismo feminino na cultura popular em Belém-PA - Jorgete Maria Portal Lago;
3. La música de Mercedes Sosa y la conformación de un archivo “alternativo” durante la última dictadura militar argentina (1976-1983) – Juliana Guerrero;
4. Novos espaços do funk: festas lésbicas em São Paulo – Raquel Mendonça Martins;
5. Viver de música na atualidade: mulheres instrumentistas e relações de gênero em São Luís-MA – Tânia Maria Silva Rêgo;
6. Mulheres musicando em João Pessoa-PB – Harue Tanaka;
7. O lugar e a música na formação e atuação musical de mulheres percussionistas - Kátiusca Lamara dos Santos Barbosa.

Assim como visto no ano de 2018, o “XXIX Congresso da ANPPOM”, cujo tema foi “Música e Interculturalidade”, novamente encontramos um simpósio específico, com muitas publicações, assim como publicações em outros simpósios do congresso sobre o tema, sendo elas:

1. Cecília Conde: ideias de ensino de uma educadora musical – Nicole Roberta de Mello Penteadó, Teresa Mateiro;
2. Carmen Miranda: entre sínkopas e vocalidades – Géssica Fernanda Purcino da Silva;
3. Os caminhos percorridos pela pianista russa Luba d'Alexandrowska (1890 – 1970) em sua carreira, revelados pela imprensa brasileira dos anos 1920 – Nathalia Lange Hartwig;
4. Simpósio: Música e gênero - reflexões sobre processos e práticas na produção sonora de mulheres; Texto do simpósio – Harue Tanaka, Isabel Porto Nogueira, Laila Rosa;

5. A Figura Feminina no Clube Musical 31 de Agosto – Vanessa Nogueira Lobo, Adrienne Cavalcante, Tainá Façanha;
6. A Orquestra 100% Mulher: a produção musical de mulheres instrumentistas em parte do contexto pernambucano – Alice Emanuele da Silva Alves;
7. A produção científica em música no Brasil e a necessidade de olhares periféricos: a música das mulheres em João Pessoa – Tânia Mello Neiva, Mariana Duarte, Danielly Dantas de Medeiros;
8. Cena lésbica do funk em São Paulo – Raquel Mendonça Martins;
9. Emilia De Benedictis em seu centenário: algumas considerações sobre sua atuação como pianista e compositora – Eliana Monteiro da Silva;
10. Memórias musicais e gênero: performance da compositora e cantora lírica Helena Nobre – Gilda Helena Gomes Maia;
11. Metodologias da impermanência em escuta, diálogo e criação: pesquisa e prática artística feminista – Isabel Porto Nogueira;
12. Mulheres em performance musical: nosso musicar local – Harue Tanaka;
13. Mulheres negras no funk carioca: uma expressão cultural de resistência – Tamiê Pages Camargo;
14. Na cadência do gênero: histórias de vida das docentes universitárias violonistas brasileiras (1980 – 2018) – Simone Lacorte Recôva;
15. Pilares para criação e pesquisa feminista: o caso da performance feita à mão – Isadora Nocchi Martins;
16. Quem sou eu? Artivismo e identidades dissidentes na performance de Linn da Quebrada – Mariana de Lima Veloso;
17. Sara González en el Grupo de Experimentación Sonora del ICAIC: marcas de género en su discurso épico – Ivette Janet Céspedes Gómez;
18. Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come: composição e direção musical de Geny Marcondes – Iracele Vera Livero de Souza;
19. Ser atriz, compositora e mestra da cultura popular: reflexões sobre a produção musical de Mestre Isabel Melo em Belém-PA – Jorgete Maria Portal Lago;
20. Uma pianista entre duas escritas: Magda Tagliaferro em versão autobiográfica e na cultura histórica – Anderson da Mata Daher;

21. Vozes: processos criativos e transgressivos na produção sonora feminina – Yasmin Marques de Freitas.

Outros dois eventos foram encontrados também em 2019, sendo eles o “Congresso de Neurociências e Música” com o tema “Ensino, pesquisa e saúde”, o qual não teve publicações, e o “15º Encontro Internacional de Música e Mídia”, em que também não foram encontradas publicações.

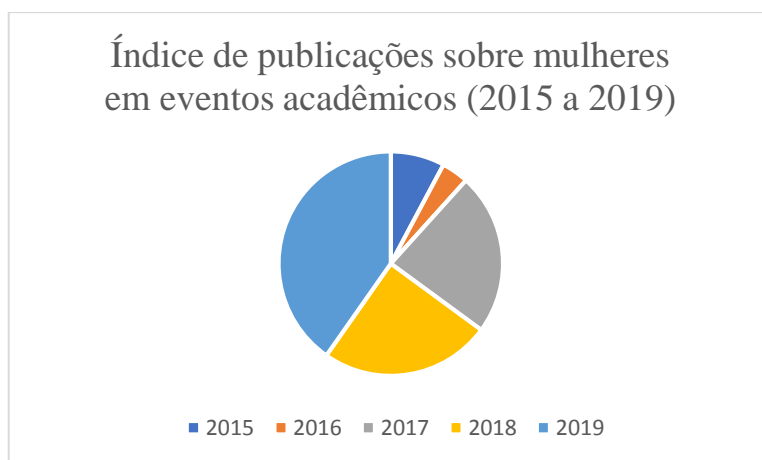
4.6 DADOS ANUAIS

Ao final das pesquisas, os seguintes dados foram encontrados:

- a) 2015: foi encontrado um total de 6 publicações;
- b) 2016: foi encontrado um total de 3 publicações;
- c) 2017: foi encontrado um total de 18 publicações;
- d) 2018: foi encontrado um total de 19 publicações, sendo um simpósio com 18 publicações;
- e) 2019: foi encontrado um total de 31 publicações, sendo um simpósio específico sobre Música e Gênero que apresentou 18 trabalhos.

Resultando no seguinte gráfico:

Gráfico 1 – Índice de publicações sobre mulheres em eventos acadêmicos (2015 a 2019)



Fonte: elaborado pela autora

Em análise aos dados anuais encontrados, vemos um aumento significativo no número de publicações. Como análise de causa, podemos identificar muitas situações que levaram a tal acontecimento. Estamos vivendo no Brasil e no mundo, um período em que a luta contra o racismo, pelo respeito à diversidade de gêneros, pela liberdade, está sendo bastante repercutida (e necessária).

Vemos no artigo “A Importância da Mulher”, de Valeria Leoni Rodrigues, uma análise temporal do papel social da mulher, podendo-se assim inferir os motivos pelos quais os resultados das análises de dados aumentaram. Para ela,

As relações de poder e de gênero têm mantido as mulheres ausentes da participação ativa da produção do conhecimento. São defendidos novos paradigmas na pesquisa feminina com base na mudança de foco de homem para mulher e homem. Diferentemente das visões que expressam a marginalização dos estudos das mulheres, as visões atuais veem a pesquisa sobre as diferenças entre mulheres e entre homens, ligando o gênero ao trabalho do poder e ao estudo da natureza do sexismo na sociedade humana, como uma realidade social importante. (RODRIGUES, 2007 p. 25)

Considerando as visões atuais, conforme dito pela autora, a realidade social que nos importa hoje é a realidade que inclui o papel da mulher como produtora de conhecimentos, ativa em eventos acadêmicos. Em relação à presente pesquisa, analisando o aumento de vinte publicações no decorrer dos cinco anos em que foram coletados os dados, podemos justificar esse aumento significativo, essa visibilidade maior nos últimos dois anos, como um processo constante de luta pelo espaço que as mulheres têm conquistado. Vemos também que as temáticas dos eventos pesquisados passaram a abordar, cada vez mais, espaços para discussão sobre as minorias.

Analisando os anos individualmente, em 2015 foram identificados uma série de eventos sem publicações, tendo encontrado apenas quatro publicações no congresso da ANPPOM, com temas não tão pontuais ao assunto principal da pesquisa, mas ainda assim relevantes.

No ano de 2016, infelizmente a situação decaiu um pouco, sendo que foram encontradas apenas três publicações, e novamente uma série de eventos sem publicações. Os temas encontrados não enquadram a situação atual, considerando que são análises de períodos específicos.

No ano de 2017, um evento se destacou, o 5º COMUSICA, com publicações sobre a participação da mulher em assuntos totalmente atuais, como críticas de poder, rap, funk, rock, sertanejo. Ao contrário do Congresso da ANPPOM, que trouxe temas mais abrangentes que não

focavam em assuntos relacionados à gênero.

Em 2018 temos um aumento decorrente de um simpósio que aconteceu no Congresso da ANPPOM, o qual trouxe dezoito publicações para a contagem, tendo como temática “A Produção Musical e Sonora de Mulheres”, o que certamente contribuiu para a participação da mulher no cenário acadêmico, visto que a grande maioria das autoras foram mulheres. Esse fato se repete em 2019, quando temos outro simpósio no Congresso da ANPPOM, cujo tema foi “Música e gênero - reflexões sobre processos e práticas na produção sonora de mulheres”, o qual também apresentou trabalhos produzidos majoritariamente por mulheres.

É comovente ver o índice crescente de publicações ao término desta pesquisa, pois demonstra o quão promissor o futuro pode ser. Talvez, em decorrência da atual situação mundial, não veremos tantas publicações no ano de 2020, já que muitos eventos estão sendo remarcados e adiados. Neste momento, a única coisa que podemos fazer é torcer pelo avanço da participação da mulher nesse cenário, desejar que cada vez mais as mulheres sejam lidas, ouvidas e respeitadas por seus trabalhos e produções.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciando as considerações finais deste trabalho, faço uso da frase que concluiu o capítulo anterior, e repito que “é comovente ver o índice crescente de publicações ao término desta pesquisa, pois demonstra o quão promissor o futuro pode ser”. Ao iniciar a pesquisa, não imaginei o quão trabalhosa e exaustiva seria a coleta de dados. Porém, no decorrer da pesquisa, vendo o aumento dos números, foi certamente gratificante.

Falar sobre estudos de gênero, sobre o feminismo, sobre qualquer diferença social não é tão simples. Temos que cuidar sempre com a veracidade dos fatos, com a qualidade das referências que citamos, e pensar também na coleta de dados, verificar se todos foram contabilizados. Logicamente, esses são pontos a serem cuidados em qualquer trabalho a ser feito. Sendo assim, retratando a experiência com esta pesquisa, entendo que esforço e dedicação são essenciais, assim como o tempo para estudar sobre o tema e coletar os dados.

Analisando a posição da mulher, voltando aos capítulos iniciais, muitos avanços e direitos foram adquiridos no decorrer de todos esses anos de luta. A dedicação por uma participação social ativa, assim como a luta por respeito e pela conquista de espaços continua.

Falar sobre o papel da mulher é indubitavelmente importante, e não devemos nos cansar ou desistir. Precisamos espalhar esse conhecimento, falar, expressar, demonstrar tudo pelo qual a mulher passou para chegar onde está, assim como mostrar que a luta ainda continua e está longe do fim. Acredito que o foco de toda pesquisa científica, todo trabalho acadêmico, é informar o conhecimento sobre o qual usamos nosso tempo para pesquisar, aprender e escrever sobre, e quem sabe possibilitar que um próximo pesquisador possa se inspirar pelas nossas palavras para seguir seu trabalho.

Como comentado anteriormente, este trabalho foi embasado em pesquisa bibliográfica e levantamento de dados. Iniciei o processo realizando a coleta de dados, por ser a etapa mais demorada e delicada da pesquisa. Após o levantamento, iniciei a redação dos primeiros capítulos. Na sequência, foi realizada a redação dos dados coletados e análise das informações adquiridas.

Para finalizar, entendo que o objetivo de toda pesquisa é, além de informar os conhecimentos adquiridos, inspirar outros pesquisadores que se interessem pelo tema. Espero que, cada vez mais, pessoas se interessem por lutar pelo que acreditam, pela igualdade, pela liberdade,

pela conquista de seus direitos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1 EVENTOS

ABEM – Anais ABEM. Disponível em: http://abemeducaacaomusical.com.br/anais_abem.asp
Acesso em: 27 de abril de 2020;

ANPOM – Portal de Congressos da ANPPOM. Disponível em:
<http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/index/index/index> Acesso em: 25 de abril de 2020;

COMUSICA – Página de Apresentação. Disponível em: <https://5comusica.wordpress.com/>
Acesso em 14 de abril de 2020;

Congresso Brasileiro de Iconografia Musical – Pagina de Apresentação. Disponível em:
http://www.portaleventos.mus.ufba.br/index.php/CBIM_RIdIM-BR/3cbim2015/ Acesso em: 14 de abril de 2020;

Congresso de Neurociências e Música – Pagina de Apresentação. Disponível em:
<https://www.even3.com.br/congressoneuromusica/> Acesso em 03 de maio de 2020;

Encontro Nacional de Música e Mídia – Página de Apresentação. Disponível em:
<https://doity.com.br/15encontromusimid> Acesso em 03 de maio de 2020;

Nas Nuvens... – Página de Apresentação. Disponível em: <http://musica.ufmg.br/nasnuvens/>
Acesso em: 12 de abril de 2020;

ANABET – Página de Apresentação. Disponível em: <https://www.abet.mus.br/> Acesso em: 07 de Agosto de 2020.

7.2 REFERÊNCIAS TEXTUAIS

COLLINS, Patricia Hills. **O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso.** Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510018.pdf>
Acesso em: 02 de abril de 2020;

CORRÊA, Marisa. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal.** Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a02.pdf> Acesso em: 28 de março de 2020

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli; MELLO, Maria Ignez Cruz. **Relações de gênero e a música popular brasileira: um estudo sobre as bandas femininas.** Disponível em:
https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/etnomusicologia/etnom_RCS_Gomes_MICMello.pdf Acesso em: 05 de maio de 2020;

LIMA, Bianca de Azevedo; ZUCCO, Luciana Patrícia. **Representações de gênero em letras de**

música juvenil - estudo do caso "Paquitas New Generation" Disponível em:
<http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2027> Acesso em 13 de maio de 2020.

MELLO, Maria Ignez Cruz. **Relações de gênero e musicologia: reflexões para uma análise do contexto brasileiro.** Disponível em: <http://www.rem.ufpr.br/REM/REMv11/14/14-mello-genero.html> Acesso em: 03 de maio de 2020;

Movimento social em apoio às mulheres. **Educa Mais Brasil**, ca. 2019. Disponível em:
<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/feminismo> Acesso em 20 de março de 2020;

PAGES, Tamiê; WILLE, Regiana Blank. **Educação Musical e Gênero: um estudo a partir do olhar de adolescentes sobre as mulheres.** Disponível em:
<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/congresso2017/cna/paper/viewFile/2781/1481> Acesso em: 17 de abril de 2020;

RAUL, Jessica Mara. **Mulheres negras e a luta por igualdade: por um feminismo negro decolonial.** Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/8663> Acesso em: 10 de abril de 2020;

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo Negro Para um Novo Marco Civilizatório.** Disponível em:
<https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf> Acesso em: 30 de março de 2020;

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A Importância da Mulher.** Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf> Acesso em: 02 de junho de 2020.

UCLA – **About Gender Studies**, 2019. Disponível em: <https://gender.ucla.edu/about/> Acesso em: 03 de maio de 2020;

Vamos Falar Sobre Gênero? **Politize!**, ca. 2019. Disponível em:
<https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/> Acesso em: 04 de Agosto de 2020;

WERNER, Ann. **What does gender have to do with music, anyway? mapping the relation between music and gender.** Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/view/5266> Acesso em: 03 de maio de 2020;

ZERBINATTI, Camila Durães; NOGUEIRA, Isabel Porto; PEDRO, Joana Maria. **A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais.** Disponível em:
http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.11200/pr.11200.pdf Acesso em: 05 de maio de 2020

8 FONTES CONSULTADAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Disponível em: <https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2017/04/butler-problemasdegenero-ocr.pdf> Acesso em 19 de abril de 2020;

HENNING, Carlos Eduardo. **Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22900/pdf%27> Acesso em: 20 de março de 2020;